

**“Religião e identidade étnica:
a Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa – 1906-1922 E 1980-2002”ⁱ**

Marili Bassiniⁱⁱ

Este texto enfoca um dos aspectos abordados na dissertação: **Religião e Identidade Étnica: A Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa – 1906-1922 e 1980-2002**, a qual procura discutir a multiplicidade de significados que os conceitos de religião e identidade étnica podem trazer, analisando os dois períodos mencionados em seu títuloⁱⁱⁱ.

O primeiro período da pesquisa aborda os primeiros anos de imigração leta no estado de São Paulo, 1906 a 1922, quando imigrantes vieram da Letônia e do sul do Brasil, Rio Novo, em Santa Catarina, onde já havia uma colônia leta desde 1890. O segundo período trata de verificar o grupo de descendentes dos primeiros imigrantes e chamou nossa atenção por se auto-definir “letão”.

Ao analisar esses dois períodos e realizar o exercício que nos propusemos, vimos que os grupos (que consideramos aqui, num primeiro momento, sem divisão: um grupo de imigrantes e outro de descendentes, mas posteriormente percebemos pluralidade e heterogeneidade existentes dentro de seu próprio seio), dos dois períodos de análise, possuíam mais contrastes que aproximações e que também não havia uma concordância entre eles em suas respectivas épocas. O primeiro grupo, dos imigrantes, chegou ao Brasil em 1890. Sua característica forte era a religiosidade. O segundo grupo, de descendentes, era também religioso, mas se auto-identificava como “letos”, tentando se aproximar dos primeiros por intermédio de representações culturais que não fizeram parte das atividades do grupo de imigrantes ou que eram, ao menos, diferentes. Isso significa dizer que foram inventadas no transcorrer dos anos.

A análise passava à compreensão de conceitos de identidade étnica e da definição do papel da religião para entender os mecanismos utilizados na construção e reconstrução dessa memória que utilizou como espaço o templo da igreja batista^{iv}.

Nossa metodologia consistiu em realizar entrevistas com os descendentes mais velhos, visitando suas casas, participando das festas, e de congressos, entre outras atividades. Nesses encontros, procurávamos apenas ouvir e presenciar as práticas culturais, procurando entender os mecanismos usados nessa construção cultural. Isso

nos fez observar que havia uma diversidade de projetos, objetivos e realizações nas pessoas observadas. Assim, os grupos pesquisados de imigrantes e descendentes eram plurais entre e dentro de si, possuindo identidades complexas e diferentes. Havia elementos construídos que se tornaram constituintes da identidade e geraram sentimentos de aproximação com a cultura, língua, raça, religião em geral^v.

Com a decodificação do que entendíamos como “práticas culturais”, o descendente leto não era mais visto apenas como *leto*, mas era um “leto batista”. Esta religião, trazida pelos imigrantes da Letônia, representava fator de coesão do grupo, intermediando todas as relações da colônia que passamos a enxergar como representações. Era o *ethos batista* um elemento fundamental. A visão de mundo, o modelo de caráter ideal, a qualidade de vida, as disposições morais e éticas e a ordem foram e são recriadas num espaço de sociabilidade que envolveu uma identificação afetiva. Foram assumidas emocionalmente por esses grupos, acomodando um estilo de vida que seus membros acreditam ser ideal^{vi}, mas não sem conflitos. Esses conflitos, na maioria das vezes, eram negociados pelo grupo à luz do que foi assumido por todos: a religião.

Dessa forma, religião e identidade étnica se fundiam na elaboração de práticas culturais que se diziam ser “letas”, uma vez que isso conferia *status* diante das outras igrejas evangélicas da cidade.

Os descendentes mais velhos é que faziam questão de serem chamados de letos. Conversavam em leto nos jardins da igreja, respondiam nesse mesmo idioma quando questionados, e nele cantavam. Todos têm mais de quarenta e cinco anos e em sua maioria já ultrapassaram os sessenta anos de idade. É essa geração que ainda fala o leto e, mesmo vivendo conflitos internos, concordava quando se apresenta como leta e proclamava ser a Letônia um país de cultura superior^{vii}. Os demais membros, jovens e pessoas com até quarenta anos, não falavam o idioma, salvo algumas exceções como jovens que conviveram com os avós e aprenderam um pouco da língua. Em sua maioria, estavam preocupados com a realização de suas atividades dentro e fora da igreja e participavam de congressos como uma atividade batista e não devido a uma organização da “etnia” leta^{viii}. Foi dentro desses contrastes que procuramos desenvolver nossos estudos, tentando encontrar algo que fosse “especificamente” leto e que explicasse todo esse movimento de recriação da identidade étnica nos dias de hoje e a promoção desse interesse.

Pautando nossa análise nas abordagens da História Cultural, procuramos investigar as representações surgidas a partir de um sistema de crença, dos comportamentos religiosos, das relações familiares, das atitudes, dos rituais e das formas de sociabilidade^{ix}. Ou seja, procuramos realizar um trabalho na linha da História Cultural que procurou identificar o modo como uma realidade social foi construída a partir das representações criadas pelos grupos, que lhe conferiram e conferem identidades^x ainda nos dias de hoje. Falamos de *identidade* utilizando o plural porque na medida em que observávamos a igreja, compreendíamos diferentes projetos entre os grupos que a compunham, variados interesses entre os indivíduos que formavam a membresia. Entretanto, isso foi percebido quando passamos a contrastar os interesses dos diferentes grupos de descendentes da igreja, tendo em vista os últimos dez anos, com os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil, em 1890, e em Nova Odessa, em 1906.

O interesse do grupo de imigrantes da geração de 1906 era se firmar enquanto grupo religioso, ao em passo que o grupo de descendentes letos, atualmente, depois da religião batista já ter sido consolidada na cidade, deseja se afirmar enquanto grupo étnico.

Na parte teórica utilizamos os conceitos desenvolvidos por Roger Chartier porque a sua idéia de símbolo adequa-se ao trabalho de campo que desenvolvemos; como também ocorre com sua perspectiva sob o ponto de vista da documentação considerada como representação cultural de um grupo. Dessa forma, do prisma teórico, acreditamos que é a manifestação cultural de um grupo social que constrói sua teia de significados.

Por outro lado, aproveitamos de Michel Foucault^{xi} a noção de construção do discurso, que em nosso caso deve ser entendido como discurso religioso, como o grupo estudado legitima sua posição e constrói sua identidade religiosa, e posteriormente étnica, através da linguagem.

Para compreender a construção da realidade social é preciso observar como os diferentes esquemas intelectuais foram definidos pelo grupo. Percebemos que estes foram incorporados pelas pessoas a fim de se estabelecerem categorias de organização de seu mundo social. Estas relações conferem sentido ao presente, inteligibilidade ao outro e decodificação do espaço. As representações são construídas dentro dos interesses do grupo, modelando discursos, legitimando seu projeto. As classificações e percepções são funções elaboradas pelos indivíduos, incorporados por categorias mentais e representados coletivamente, demarcando sua organização social e os definindo enquanto grupo étnico e religioso. As demais identidades são definidas a partir

do referencial que tem de si^{xii}, o que, no caso dos batistas letos em Nova Odessa, passa pela religião.

Estava claro que as práticas culturais e as características mais específicas da “cultura leta” eram construções e recriações dinâmicas, não estáticas. A documentação, à qual tivemos acesso, mostrava momentos distintos em períodos diferentes: uma tentativa em se adaptar ao contexto brasileiro nos primeiros anos de residência no Brasil, 1906 a 1922, e outra de afirmação da sua identidade étnica e religiosa nas últimas décadas do século XX, a partir de 1980. Procurando observar os contrastes dos períodos mencionados, suas práticas e representações que conferiram e conferem identidades, investigamos os esquemas, critérios e mecanismos dessa construção^{xiii}.

Para exemplificar uma dessas construções, escolhemos mostrar como isso aconteceu com o idioma letão.

A insistência na recriação do idioma leto e no aprendizado daqueles que não o sabem ou que não têm interesse por ele reforça a tentativa de recriação da identidade étnica sob o discurso da homogeneização do grupo. Afinal, a idéia é que, se todos falam leto, é porque são realmente letos. E a repetição disso elabora uma certa continuidade do passado que também é mitificado pelo presente. Por isso, a possibilidade de um estudo dessa natureza, enfocando dois períodos históricos aparentemente distintos tem sentido dentro da concepção da existência de rupturas na linearidade histórica, necessitando de um olhar para a multiplicidade desse contexto, de suas práticas e discursos, objetos e sujeitos^{xiv}.

No início da colonização, a tentativa do grupo de imigrantes era de aprender o português, e é bem possível que as gerações seguintes, preocupadas em ampliar a sua participação na vizinhança da cidade para conseguir fazer o trabalho de evangelização, tiveram a mesma preocupação. Não havia nada que comprovasse que eram letos a não ser a língua que falavam. Portanto, esse discurso da homogeneização do grupo, a menção à descendência direta dos primeiros imigrantes e a “recuperação” do idioma leto depois de todos esses anos, transformaram-se em mecanismos de construção de uma identidade semelhante, que dizem existir desde os primeiros anos de imigração.

O grupo de imigrantes era, sobretudo, religioso. A identidade étnica foi inventada pelos descendentes letos. Por isso, aos poucos, foi ficando claro o motivo pelo qual tinham necessidade em aprender a língua, introjetando nas pessoas uma necessidade de se dominar o idioma leto, construindo assim um sentido de aproximação, continuidade de um passado mitificado e identificação com os imigrantes de 1890. Isso legitima o projeto

da igreja, uma vez que se considera letã e, portanto, portadora de uma cultura considerada “superior” por ser branca, européia e, sobretudo, de caráter religioso. Esse *status* confere sentido e legitimidade ao discurso da congregação na medida em que necessita mostrar algo de novo em seu projeto voltado à religião, para angariar novos membros para as igrejas que são organizadas na região.

O aprendizado do idioma letão aconteceu na antiga escola do bairro, que hoje atende às necessidades da comunidade religiosa nas dependências da igreja, na Fazenda Velha. As aulas duravam cerca de quatro horas, durante as tarde de sábado, e o professor era um dos descendentes que dominava o idioma e que já havia viajado para a Letônia diversas vezes, sendo também membro da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa. As aulas tinham, sem dúvida, um caráter religioso: sempre começavam com oração, alguém pedindo a Deus pela sua orientação, lendo um trecho da Bíblia – o que muitas vezes acontecia no idioma letão. A Bíblia, em leto, era utilizada como material de ensino. Muitas vezes o professor entregava parte de algum evangelho e com os alunos fazia a leitura e tradução; depois confrontava sua versão com a existente em português. Eram também usados, como materiais base, livros importados da Letônia, ou trazidos por alguém que viajava para este país, juntamente com encomendas do grupo do Brasil.

Em julho de 2001, chegou ao Brasil a professora Aija Auniņa, cuja função era ministrar aulas em leto para as pessoas interessadas no idioma. Ela ficou no Brasil cerca de três meses, ensinando o idioma leto e viajando com a igreja para o Congresso da Associação Batista Leta do Brasil que aconteceu na cidade de Ijuí, no Rio Grande do Sul nesse mesmo ano.

O custo das aulas, mais a taxa de água e luz, ficavam por conta da igreja da Fazenda Velha, enquanto a hospedagem da professora ficou a cargo de um vereador descendente de leto, o senhor Ralfo Klavin, membro da Segunda Igreja Batista de Nova Odessa e um dos organizadores de eventos da Liga Batista Leta^{xv}. A professora ficou hospedada em sua casa e os gastos com sua viagem foram pagos por uma organização da Letônia, responsável pela divulgação e descoberta de colônias de descendentes letos espalhados pelo mundo, o *Brazīlijas Latviešu Draugu Fonds* (Associação de Amigos do Brasil-Letônia).

Quando esta professora chegou ao Brasil e entrou em contato com os descendentes letos de Nova Odessa, foi grande seu espanto quanto ao idioma falado. Segundo ela, o dialeto utilizado pelos descendentes aqui nunca fôra utilizado pela maioria das pessoas em seu país, e já não era mais falado lá. Isso quer dizer que o idioma usado

aqui era, na verdade, um dialeto que os descendentes tentaram transformar em língua oficial para lhes conferir identidade, continuidade e aproximação com a atual Letônia.

Eric Hobsbawm faz algumas considerações, a respeito da construção do idioma para a formação de uma nação, que fornecem pistas para entendermos o que acontece nos dias de hoje em Nova Odessa:

“As línguas nacionais são sempre (...) construídas semi-artificiais e, às vezes, virtualmente inventadas (...). São o oposto do que a mitologia nacionalista pretende que seja – as bases fundamentais da cultura nacional e as matrizes da mentalidade nacional. (...) essas línguas são tentativas de construir um idioma padronizado através da recombinação de uma multiplicidade de idiomas realmente falados, os quais são, assim rebaixados a dialetos – e o único problema nessa construção é a escolha do dialeto que será a base da língua homogeneizada e padronizada. [Portanto, a língua é formulada a partir dessa base regional como] o letão culto [que] é baseado na média de três variantes (...)”^{xvi}.

Em linhas gerais, são os mais velhos que trabalham na recriação da identidade étnica, baseados em conhecimentos transmitidos pelos seus pais e avós. Não são todos os membros mais velhos que insistem e trabalham nessa perspectiva, porém aqueles que não realizam trabalhos nesse sentido também não expressaram discordância. Membros de outras igrejas batistas da região de Nova Odessa costumam freqüentar as aulas. Em sua maioria, são pessoas descendentes ou casadas com descendentes, com mais de 40 anos e que se congregam em uma igreja próxima às suas residências^{xvii}.

Poucos são os jovens da Primeira Igreja Batista, sendo descendentes ou não, que freqüentam as aulas do idioma leto. No início das aulas, em 1998, a participação foi maior por parte dos jovens descendentes; depois, com a coincidência de horários da programação da igreja, foram abandonando a classe. A presença de jovens descendentes de letos da igreja Luterana de Nova Odessa, residentes em Americana, supera a quantidade de jovens batistas da Primeira Igreja, perdendo apenas para os jovens descendentes da Segunda Igreja Batista de Nova Odessa que freqüentam em maior número as aulas. Mesmo assim, o número total de participantes não ultrapassa a trinta pessoas.

Os jovens luteranos são incentivados por seus pais que, em sua maioria, fazem planos para visitar a Letônia e outros países da Europa. Conseguir a cidadania leta pode conferir, num futuro próximo, a passagem livre por toda a Europa, em virtude da negociação de sua participação nos tratados comerciais europeus^{xviii}. Por outro lado, a ampla divulgação da existência de contingentes espalhados pelo mundo, descendentes

de letos que saíram da Letônia, garante a esse país um reconhecimento mais rápido no contexto internacional. Este movimento pode ser na verdade induzido pela Letônia, uma vez que custeia a vinda de pessoas não só para o Brasil, através do *Brazīlijas Latviešu Draugu Fonds*, como também para outros países onde existam descendentes^{xix}.

As pessoas com mais idade que freqüentam as aulas, em sua maioria, falam o idioma. Os jovens são levados pelos pais à igreja para assistirem as aulas estes últimos na maioria das vezes acabam se juntando aos filhos como forma de incentivá-los.

Durante a presença da professora leta nas aulas na Fazenda Velha, uma programação especial foi montada para atender justamente a essas pessoas de mais idade: filmes, documentários e festivais de música foram apresentados em vídeo.

Um dos motivos que explica a invenção da identidade étnica, além das vantagens atuais já mencionadas, é a necessidade de se renovarem os projetos da igreja, propagando seus dogmas e evangelizando indivíduos. Ou seja, para usar um termo específico protestante, “conseguir pessoas para Cristo”.

Nesse sentido de reconstrução do mito nacional, precisamos pensar na construção cultural como composta de símbolos e representações e, por conseguinte, em como as culturas nacionais produzem seus significados (com as quais as pessoas estabelecem laços e uma representação) sobre a “nação”. As histórias contatadas que ligam presente e passado e imagens foram construídas em propósito da construção de uma identidade nacional^{xx}, de uma comunidade inventada.

Stuart Hall aponta para as variadas formas nas quais se processa a narrativa da cultura nacional. A primeira delas seria a ênfase em histórias contadas e recontadas, na literatura, na mídia e na cultura popular. Nessas narrativas o enfoque passa a ser sobre as imagens, paisagens, cenários históricos, símbolos e rituais que sustentam e representam as experiências, as tristezas, triunfos e desastres sofridos em épocas remotas pela nação. A função dessas narrativas é conectar a vida cotidiana das pessoas com um destino pré-existente^{xxi}.

O discurso da comunidade de descendentes letos em Nova Odessa utiliza essa espécie de estratégia para afirmar sua nacionalidade leta. As tradições são consideradas antigas e, a partir do momento em que são representadas repetidas vezes, os valores e normas de comportamento implicam na invenção de uma continuidade com um passado imemorial^{xxii}.

Outras são as estratégias discursivas apontadas por Stuart Hall como o *mito fundador* da história da origem da nação, que também é explorado na obra de Eric

Hobsbawm, já mencionada. Outra estratégia que se vincula com a tentativa do grupo de descendentes para afirmar sua superioridade é a propagação da idéia de um povo puro, original^{xxiii}.

O que podemos inferir é que o idioma foi um importante elemento de diferenciação dos primeiros imigrantes letos, em 1890, em relação a outras etnias que estavam no Brasil nessa época, uma vez que era uma característica que os distinguia dos demais grupos radicados no país. Portanto, a língua é um importante elemento de diferenciação cultural das pessoas de um grupo em relação aos demais existentes na sociedade. Excetuando-se as tensões no grupo de imigrantes, o idioma e a religião batista eram coisas em comum entre os batistas. Primeiramente porque se comunicavam no idioma de origem e, em segundo lugar, porque procuraram organizar sua igreja dentro dos preceitos religiosos que haviam sido aceitos na Europa. Com isso, o espaço da igreja se tornou importante tanto no aspecto de representação da religiosidade, nos primeiros anos de imigração, quanto no sentido da construção da identidade étnica, este somente nos últimos anos.

Sendo o idioma um forte elemento utilizado para a criação do sentido de aproximação desses descendentes com o grupo de imigrantes letos que chegaram ao Brasil em 1890, a invenção da identidade étnica passa pela “recuperação” da língua, para manter “viva” essa identificação com o grupo de imigrantes – o que constitui fator primeiro de diferenciação dos descendentes em relação aos demais grupos da cidade, elaborando assim um sentido de continuidade. A idéia propagada pelos descendentes hoje é de que, tendo o idioma “sobrevivido”, são eles correspondentes diretos do primeiro grupo de imigrantes letos, possuidores de uma cultura branca européia (que consideram superior), em detrimento dos negros e de outras etnias existentes aqui, ainda que de descendência européia^{xxiv}.

Como já foi discutido a respeito da construção cultural da idéia de nação e da tentativa de unificação de seus símbolos, uma última consideração é importante para a conclusão da idéia em relação à sua representação enquanto constituinte de “um povo”:

“(…)Etnicidade é o termo que damos a aspectos culturais – linguagem, religião, costume, tradições, sentimento por “lugares” – compartilhados por uma população. É tentador portanto tentar usar a etnicidade em sua forma “fundante”. Mas no mundo moderno esta crença revela-se um mito. A Europa Ocidental não possui nações que sejam compostas de um único povo, uma única cultura ou etnicidade. As nações modernas são todas híbridas culturais. (...) Raça é uma categoria discursiva e não biológica^{xxv}”.

BIBLIOGRAFIA

- BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)*. Campinas: Unicamp, 2002. Tese de doutoramento.
- CHAGAS, Patrícia de S. P. *Em busca da Mama África – identidade africana, cultura negra e política branca na Bahia*. Campinas: Unicamp, 2001. Tese de Doutoramento.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987.
- GINZBURG, Carlo. *História Noturna – decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HALL, Stuart. *A questão da Identidade Cultural*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. Textos Didáticos.
- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 5ª edição.

ⁱ Título da tese de mestrado defendida em 26 de fevereiro de 2003.

ⁱⁱ Mestre em História Cultural pelo Departamento de História da Universidade de Campinas e doutoranda no mesmo instituto.

ⁱⁱⁱ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 15-34.

^{iv} Essa igreja encontrar-se na cidade de Nova Odessa, no bairro Fazenda Velha, primeiro local de residência do grupo de imigrantes em 1906.

^v HALL, Stuart. *A questão da Identidade Cultural*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. Textos Didáticos. p.8.

^{vi} BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)*. Campinas: Unicamp, 2002. Tese de doutoramento. pp. 13-15.

^{vii} Essa idéia foi entendida no transcorrer da pesquisa e envolve outras categorias de análise.

^{viii} Com a aproximação do centenário da igreja, em 2006, está havendo todo um trabalho em cima da reconstrução da etnia, o que tem mudado a configuração e o interesse dos jovens da igreja. Está também sendo esperado, para o evento, um certo número de visitantes da Letônia e de outras regiões do Brasil.

^{ix} CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987. p. 14.

^x *Idem* pp. 16-18.

^{xi} FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 5ª edição.

^{xii} CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. *Op. cit.* pp. 17-18.

^{xiii} Ver: GINZBURG, Carlo. *História Noturna – decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

^{xiv} FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. *Op. cit.* pp. 51-57.

^{xv} Que é diferente da Associação Batista Leta do Brasil. A Liga não tem um caráter religioso, apesar de participarem dela luteranos e batistas, e existe para promover a vinda de grupos folclóricos da Letônia para apresentações no Brasil.

^{xvi} HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pp. 70-71.

^{xvii} Observação feita a partir da frequência aos cultos, conversas informais com as pessoas e a participação na aula leta.

^{xviii} Fato que se confirmou no ano de 2004 com a entrada da Letônia nos acordos comerciais europeus.

^{xix} Essas informações são resultado de uma conversa nossa com Briġita Tamuža, uma das correspondentes do Brazīlijas Latviešu Draugu Fonds. Conversamos em inglês e muitas das suas considerações estão presentes ao longo da dissertação. Contudo, é necessário dizer que esta afirmação expressa a opinião de um dos membros dessa organização. Mas, de qualquee forma, é interesse da Associação estabelecer intercâmbios com os jovens descendentes do Brasil.

^{xx} ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. London: Verso, 1983. In: HALL, Stuart. *Op. cit.* pp.39-40.

^{xxi} HALL, Stuart. *Op. cit.* pp.40-41.

^{xxii} HOBBSAWM, Eric. e RANGER, T. *A invenção das tradições*. *Op. cit.* p. 1.

^{xxiii} HALL, Stuart. *Op. cit.* p. 43.

^{xxiv} Sobre o discurso e definição de fronteiras entre os grupos ver: CHAGAS, Patrícia de S. P. *Em busca da Mama África – identidade africana, cultura negra e política branca da Bahia*. Campinas: Unicamp,2001. Tese de doutoramento. pp.21-64.

^{xxv} HALL, Stuart. *Op. cit.* p. 48.